HOT NEWS 18

HOT CLUBE DE PORTUGAL

Os 75 anos do Hot pelo Doutor

Pedro Martins de Lima, o "enfant terrible"

José Duarte: "Seven Steps to Heaven"

Paulo Gil: A que horas começa o primeiro set?

Villas-Boas: a Última Viagem

...e outras "Histórias do Jazz"

dez. 23

Bernardo Moreira (*Binau*) o Engenheiro do Hot
© Carlos Reis, 2011

editorial

Gostaria de dar as boas-vindas a esta edição 18 da Hot News, o boletim informativo da vida e da história do nosso clube. É com grande prazer que damos assim continuidade a esta publicação iniciada em 2009, para darmos conta das actividades do Hot em todas as suas vertentes.

Esta edição da Hot News acontece no final de um ano marcado pelo fecho das portas das instalações do nosso clube na Praça da Alegria (pela segunda vez no prazo de 14 anos…), e pelo desaparecimento de amigos de longa data do Hot e de outras personagens do jazz nacional e internacional. Este número, que conta com o nosso vice-presidente Francisco Rego como editor, não poderia deixar de lhes prestar homenagem.

Apesar do fecho de portas, o Hot continuou a sua intensa actividade. A Escola de Jazz Luiz Villas-Boas continua o seu percurso com grande qualidade e entusiasmo de que são prova clara as actuações públicas das suas formações. O Hot continua a ser reconhecido como entidade importante na cultura musical nacional, tendo sido convidado a integrar a Rede Euterpe, um fórum de museus e colecções de música e som, e tendo recebido prémios como os atribuídos pela Sociedade Portuguesa de Autores ou pela Festa do Jazz.

O ano de 2024 é encarado com particular expectativa. Esperamos que muito em breve seja dada luz verde pela CML à solução para o retomar das actividades na Praça da Alegria. Por outro lado, celebra-se no próximo ano o centenário do nascimento de Luiz Villas-Boas, o fundador do nosso clube, e por essa razão iremos contar com várias iniciativas que serão anunciadas em devido tempo.

Boa leitura!

Pedro Moreira Presidente do Conselho Directivo

índice

3 OS 75 ANOS DO HOT VISTOS PELO DOUTOR
ANTÓNIO JOSÉ BARROS VELOSO

6 BERNARDO MOREIRA (BINAU), O ENGENHEIRO DO HOT
PEDRO MOREIRA
INÊS CUNHA

10 PEDRO MARTINS DE LIMA, O ENFANT TERRIBLE DO JAZZ
JOÃO MOREIRA DOS SANTOS

13 PAULO GIL: A QUE HORAS COMEÇA O PRIMEIRO SET?
ANTÓNIO CURVELO

15 JOSÉ DUARTE: "SEVEN STEPS TO HEAVEN"
HELDER BRUNO MARTINS

16 A HISTÓRIA DE 2023: O HOT FORA DE PORTAS
FRANCISCO REGO

20 "HISTÓRIAS DE JAZZ" DE LEONEL SANTOS
JORGE LIMA ALVES

21 EM 2024: LEMBRANDO LUIZ VILLAS-BOAS
JOÃO MOREIRA DOS SANTOS
LAURENT FILIPE

PRESIDENTE HCP Pedro Moreira
COORDENADOR DA EDIÇÃO Francisco Castro Rêgo
DESIGN GRÁFICO/PAGINAÇÃO três agá — strategic design studio
FOTOGRAFIA CAPA Bernardo Moreira (Binau) por Carlos Reis
SEDE Praça da Alegria 48, 1250-004 Lisboa
ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS
Travessa da Galé 36 1°, 1300-263 Lisboa
TEL 213619740

www.hcp.pt

A Hotnews é escrita de acordo com a opção ortográfica de cada autor. Os conteúdos dos textos da hotnews são da exclusiva responsbilidade dos seus autores

ANTÓNIO JOSÉ DE BARROS VELOSO

Os 75 anos da história do Hot Clube de Portugal

Em 19 de Março de 1948, Luiz Villas-Boas assinou o cartão de sócio nº1 do Hot Clube de Portugal. Passou a ser esta a data escolhida para festejar a fundação de um clube que só iria começar a funcionar dois anos mais tarde, após aprovação dos Estatutos e o aluguer da primeira sede. Nada disto iria ser fácil, mesmo para Villas-Boas, homem persistente, bem relacionado e com carisma.

Portugal vivia então num regime autoritário que se reforçara em 1947 após a repressão dos movimentos democráticos que, animados pela derrota dos nazis, tinham saído à rua a pedir eleições livres. Proibiam-se livros e revistas e o regime olhava com desconfiança para todas as manifestações que, como o jazz, pudessem contaminar a cultura tradicional ou criar sobressaltos sociais.

Os sons do jazz andavam já por toda a parte, sobretudo nos quatro casinos onde era autorizado o jogo - Póvoa do Varzim, Espinho, Figueira da Foz e Estoril. Aí, em enormes salões, as mães burguesas, sentadas a toda a volta, vigiavam os pares dançantes, enquanto conjuntos musicais com formato de *jazz-bands*, tocavam *fox-trots*, *dixieland*, swing e *quick-step*, à mistura com outros géneros musicais.

O quarteto do HCP em 1963: Bernardo Moreira (contrabaixo), Justiniano Canelhas (piano), Manuel Jorge Veloso (bateria) e Jean Pierre Gebler (saxofone barítono) numa fotografia no clube na cave do nº39 da Praça Alegria

Contudo, o que o Luiz Villas-Boas e os seus amigos pretendiam era outra coisa: criar um espaço para prática e divulgação do jazz, atribuir-lhe uma identidade respeitável e um estatuto cultural. Isso ia contra o que pensavam alguns dos peritos musicais consultados pelo Governo Civil, para os quais o jazz não passava de uma "música de pretos" ou de uma música folclórica como outra qualquer, que como tal devia ser tratada.

Durante vários anos a tarefa de Villas-Boas foi, portanto, mostrar que não era assim. Empenhou-se em dar visibilidade ao jazz e, para isso, criou um programa no Rádio Clube Português, organizou *jam-sessions* com amadores e profissionais e promoveu conferências. Atraiu para sua órbita, um grupo de jovens que, como ele, tinham descoberto o jazz na adolescência, entre os quais os irmãos Sangareau, filhos do conselheiro da Embaixada de Espanha, Gérard Castello-Lopes, cuja família estava ligada à importação de filmes, os irmãos Mayer que geriam um negócio familiar de penhores e Pedro Martins de Lima, praticante de desportos radicais que iria ser o pioneiro do surf em Portugal.

Em 1950, os Estatutos foram finalmente aprovados e o Hot Clube de Portugal, depois de passar episodicamente por várias moradas, instalou-se na cave minúscula do nº 39 da Praça da Alegria, num prédio que partilhava com a Tertúlia Tauromáquica, a casa de fados "Márcia Condessa" e o Grupo Recreativo "Os Carlos". Era um espaço sombrio, com poucas possibilidades de ampliação, mas cuja renda estava ao alcance de um clube que vivia exclusivamente das cotas dos sócios. Equipado com instalação sonora e com instrumentos musicais – piano, contrabaixo e bateria – oferecia condições mínimas para ouvir e tocar jazz.

Corria ao ano de 1953 e a vida do Clube limitava-se a ser o ponto de encontro dos amigos de Villas-Boas que ali se reuniam para jogar a canasta. Só esporadicamente havia música ao vivo, tocada por músicos que passavam por Lisboa, uns integrados em bandas da marinha americana e nas orquestras dos barcos de cruzeiro, outros que actuavam temporariamente em cabarets. Durante alguns dias, o Clube enchia-se, mas, depois disso, tudo voltava à mesma.

Foi só em 1956 que o Hot começou a animar-se com a chegada a Lisboa de um pequeno grupo de jovens licenciados em Coimbra e no Porto. Nas respectivas faculdades tinham tocado música para dançar, mas, apaixonados do jazz, passaram a marcar encontro no Hot Clube. Eram eles Zé Luís Tinoco, arquitecto, Tó Zé Veloso, médico, e Bernardo Moreira (Binau), engenheiro. A música, embora ainda muito incipiente, era já de um novo estilo, o be-bop, e o ambiente sonoro iria tornar-se incompatível com a canasta. O Hot Clube passou a ser um espaço onde diariamente acontecia música sem horário e sem programa, que atraía músicos portugueses e estrangeiros. Por lá passaram nessa fase, algumas estrelas do jazz, músicos anónimos e outros altamente improváveis como Friedrich Gulda, pianista clássico que aos 27 anos já fazia parte do júri do concurso Vianna da Motta e que, "after hours", aparecia para participar informalmente nas *jam-sessions*.

Entretanto, outros jovens músicos começaram a convergir para o Hot Clube, como Manuel Jorge Veloso, Justiniano Canelhas e um belga, Jean-Pierre Gebler, que tocava saxofone barítono. Enviado pela família para Lisboa a fim de o afastar do consumo de droga dos clubes europeus, Jean Pierre, apenas com 19 anos, conhecia bem a linguagem do jazz moderno e foi uma lufada de ar fresco que influenciou os músicos que então tocavam no Hot. Foi ele que liderou o "Quarteto do Hot Clube" – de que fizeram parte Manuel Jorge Veloso, Canelhas e Bernardo Moreira – que, em 1963, participou no Festival de Comblain-la-Tour. Este foi o primeiro conjunto português de jazz a actuar no estrangeiro, e que, no princípio dos anos 1960, animava as noites do Hot Clube, frequentado já por um público fiel que ia crescendo de dia para dia. Foi nessa altura que por ali passaram nomes conhecidos como o saxofonista Dexter Gordon e a cantora Rita Reys.

Manuel Jorge Veloso, um dos membros do quarteto, frequentava nessa altura uma tertúlia que se reunia na cervejaria Ribadouro, da qual faziam parte Baptista Bastos e o cineasta Fernando Lopes. Era ali que estava a germinar a ideia de fazer um filme construído à volta de uma série de entrevistas e de cenas filmadas em locais da Lisboa nocturna frequentados pelo protagonista, o boxeur Belarmino. No Hot Clube, foi então filmada uma das sequências, em que Villas-Boas desce a escada de ferro que dava acesso à cave, enquanto o Quarteto do Hot toca uma balada, composta expressamente por Canelhas para a banda sonora do filme realizado por Fernando Lopes.

O Hot viveu nessa fase momentos de grande animação quando as orquestras de Count Basie em 1956 e Quincy Jones em 1960 vieram tocar a Lisboa. À chegada ao aeroporto foram "desviados" para o Clube e pela primeira vez os amadores de jazz portugueses viram músicos de jazz americanos de grande nível, actuar informalmente numa *jam-session*.

No final da década de 1950, a vida institucional do Clube passou por alguns sobressaltos quando surgiu um grupo de sócios liderado por Raúl Calado e José Duarte, que tentaram desalojar Villas-Boas e os seus amigos da direcção. O objectivo era criar um espaço mais alargado que envolvesse o debate das questões sociais ligadas à história do jazz, desde a escravatura à luta de classes nos EUA. Era um grupo politizado e, perante a resistência que encontraram, decidiram eles próprios fundar o Clube Universitário de Jazz (CUJ), situado um pouco mais acima na Rua da Alegria. Como era de esperar, seria encerrado três anos depois pela PIDE.

Entretanto, novas gerações atraídas pelo jazz, iam confluindo para o Clube. Primeiro, Rão Kyao, Nuno Gonçalves e Marcos Resende, um brasileiro que viera para Portugal estudar medicina. Nessa altura não havia escolas de jazz nem acesso a métodos de ensino. A aprendizagem era feita na prática diária, em longas *jam-sessions* que foram sempre a marca de água do Clube. Sem programação, o palco estava aberto a todos, embora as exigências e a qualidade dos músicos fossem cada vez maiores.

Nos anos 1970 deram-se dois acontecimentos importantes. A direcção, presidida por Rui Martins, decidiu organizar concertos programados e abriu o Clube, anteriormente reservado a sócios, ao público em geral, mediante cobrança à porta. A receita revertia para os músicos. Foi uma medida que surgiu a reboque de dois acontecimentos: o aparecimento de uma geração de jovens que faziam da música a sua profissão e o efeito dos primeiros festivais de Cascais que conquistaram para o jazz audiências mais alargadas.

Igualmente importante foi o aparecimento no Hot Clube de José Eduardo, um jovem com vocação pedagógica e com uma agenda própria. Depois de difíceis negociações com Villas-Boas – que nunca viu com bons olhos que outros pretendessem tomar iniciativas que ele não controlasse – José Eduardo organizou e pôs a funcionar, em 1979, uma escola de música de jazz que passou a funcionar no 1º andar. Surgia assim a primeira tentativa de oferecer métodos pedagógicos e ensino formal aos jovens cuja aprendizagem era até aí totalmente "espontânea". Com instalações precárias e recursos limitados, nascia assim o embrião da Escola de Jazz que não parou de crescer até hoje.

Como corolário disto, José Eduardo criou a Orquestra Girassol, a primeira orquestra de jazz constituída por amadores, que deixou para a história um disco de 45 rotações e de onde sairiam alguns músicos que se distinguiram mais tarde na cena musical portuguesa, como Laurent Filipe, Tomás Pimentel e Armindo Neves.

Apesar destas iniciativas no sentido da disciplina e da institucionalização, o Hot Clube nunca perdeu o carácter de um espaço livre e continuou aberto à prática de um jazz informal. As *jam-sessions* até às tantas da madrugada, faziam parte do seu ADN e ofereciam um lugar de convívio e aprendizagem de uma música marcada pela espontaneidade e pela recusa de academismos. Iria ser sempre assim. Tornou-se, por isso, num local mítico, um pequeno templo do jazz, para onde convergia um público fiel e músicos vindos de toda a parte que ali encontravam um espaço para partilha de um género musical que, embora de minorias, é praticado em todo o mundo. Não é possível elencar os grandes músicos que por lá passaram, alguns dos quais, por se sentirem em casa, tocaram apenas por prazer: Tete Montoliu, Red Rodney, Ronny Scott, Steve Potts, Freddie Hubbard, Benny Golson, são alguns dos nomes de uma lista interminável.

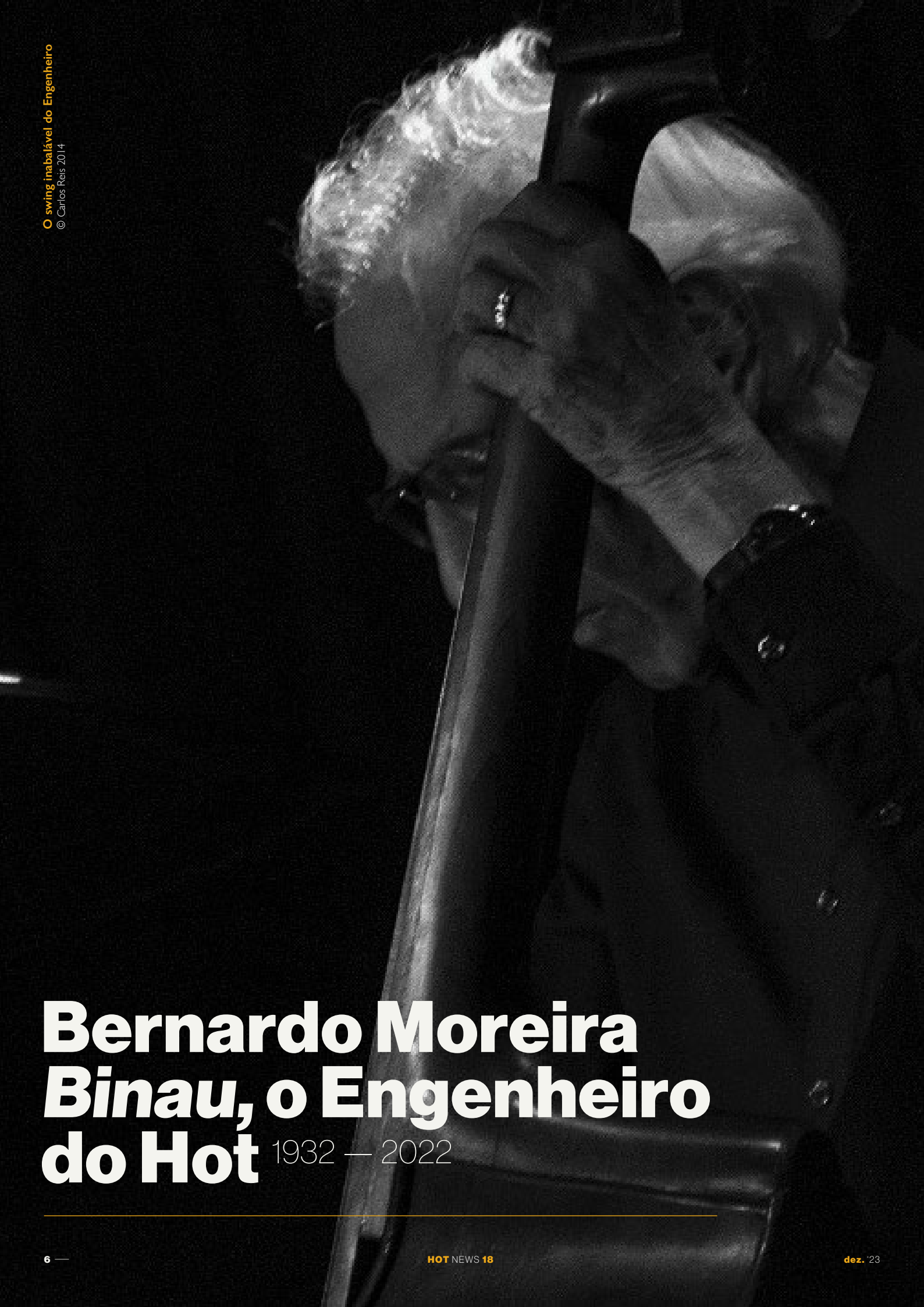
Entretanto, novas gerações foram surgindo, enquanto o jazz evoluía rapidamente: depois do *be-bop*, o *hard-bop*, Keith Jarrett e o Concerto de Colónia, o jazz modal, o *free-jazz* e o *jazz-rock*. Os jovens nascidos nas décadas de 1960 e 1970, eram já bem diferentes dos pioneiros nascidos nos anos 1930: tinham formação musical, queriam ser músicos profissionais e tinham aderido às novas correntes. O jazz iria então ganhar enorme visibilidade pela mão de Mário Laginha e Maria João, dos saxofonistas Jorge Reis e Carlos Martins, dos irmãos Moreira e Bernardo Sassetti, dos pianistas Filipe de Melo e Óscar Graça, dos guitarristas Bruno Santos e Afonso Pais, para citar apenas alguns.

Com o crescimento da Escola Villas-Boas, a qualidade dos músicos continuou muito alta. A demonstrá-lo, aí está Ricardo Toscano e os músicos do seu quarteto, além de uma vaga actual de jovens com idades à volta dos 20 anos.

Em 2009 a sede do Hot Clube foi destruída por um incêndio. A notícia foi recebida com enorme preocupação por aqueles que durante décadas tinham participado na vida de um espaço que era ponto de encontro obrigatório de músicos e amantes do jazz. Seria o fim do Hot? Inesperadamente, porém, surgiu uma solução e, com o auxílio da Câmara Municipal de Lisboa, o Clube transferiu-se, três anos mais tarde, para um prédio situado um pouco mais abaixo, o nº 48 da Praça da Alegria. Pôde assim retomar a actividade normal de concertos e *jam-sessions*, e voltar a ser, como sempre foi, a pequena meca do jazz português.

Contudo, no início de 2023, novo infortúnio se abateu sobre o Clube: tendo-se verificado que o prédio em que estava instalado ameaçava ruína, foi obrigado de novo a fechar as suas portas.
É uma situação triste e uma enorme privação para músicos e amantes do jazz. Mas também para a cultura, para o país e para Lisboa que deixaram de dispor do espaço mítico que tem sido uma presença permanente e uma referência internacional do jazz português. Por tudo isto, estamos confiantes de que um novo "milagre" aconteça e que os sons do jazz regressem em breve ao Hot Clube. Sem eles, a Praça da Alegria nunca voltará a ser o que era e Lisboa ficará, sem dúvida, culturalmente mais pobre. ◆

António José de Barros Veloso, Médico, sócio nº2 do Hot Clube de Portugal
Texto originalmente publicado no jornal Expresso de 17.11.2023



O swing inabalável do Engenheiro
© Carlos Reis 2014

Bernardo Moreira *Binau*, o Engenheiro do Hot 1932 — 2022

Binau

PEDRO MOREIRA

"Não dês graves nem agudos", disse o meu pai ao João quando ele ia sair para a escola com o seu trompete na mão. Na véspera o meu irmão, na altura com cerca de 14 anos, disse que a professora lhe tinha pedido para levar o instrumento e tocar um pouco para a turma. De imediato o Binau lhe recomendou "não dês graves nem agudos, podes começar com o Autumn Leaves". O João lá foi para a escola, mas ainda não sabemos se cumpriu as recomendações.

Este pequeno episódio revela que, para o meu pai, a música, tal como qualquer actividade a que nos dedicássemos com paixão, era sempre para levar a sério.

Porque era isso que o meu pai era, um homem de paixões. E todas as suas paixões foram sempre vividas e partilhadas connosco, os seus filhos. Para ele a brincadeira era um assunto muito sério. Desde as míticas futeboladas no estádio nacional, com o tio Sioga e os nossos primos, jogos com uma intensidade do nível da Champions e que tinham uma réplica caseira nos campeonatos de Subbuteo; o comboio eléctrico, que forçou a sala de jantar a tornar-se, até hoje, na sala do comboio (um comboio que, tal como o plano ferroviário nacional, tarda em ser concluído); a volta à França, um jogo que ele inventou com dezenas de figuras recortadas em papel; a sua paixão pela física e astronomia que o levou a construir um planetário ao longo de meses, uma magnífica abóboda estrelada em cartolina; ou ainda o modelismo e a história da segunda guerra mundial. E, claro, a música e o jazz.

A sua paixão começa com as primeiras emissões de jazz na rádio em Coimbra. No início dos anos 50 junta-se ao Luiz Villas-Boas e ao Hot Clube quando vem para Lisboa. Desde então foram 70 anos de audições, ensaios, concertos e convívio com sucessivas gerações de músicos e amantes desta música. Desde essa altura que o Hot foi a sua casa e o local onde foi feliz, entre os concertos no clube e as vibrantes conversas na escola com os seus alunos ao longo de sucessivas gerações.

No início dos anos 80 também nós, os filhos, entrámos em cena no que toca ao jazz. Quando começámos a tocar, e os instrumentos musicais começaram a tomar conta do dia a dia da casa, faltava uma bateria e por isso decidiu construir uma com as suas próprias mãos, fazendo jus ao seu famoso lema:"um engenheiro é aquele que engenha".

A partir daí, e desde o nosso primeiro concerto em 1985 na faculdade de letras da Universidade de Coimbra, até à derradeira *jam-session* no Hot no seu nonagésimo aniversário, no passado mês de junho, são muitas as memórias. Sempre foi o nosso maior crítico e apoiante. A sua orientação musical legou-nos algumas pérolas de pedagogia como: "tocar música é fácil, só custa os primeiros 20 anos"; ou: "o teu solo não teve interesse nenhum" (o que era infelizmente verdade…); ou ainda: "estou-me a rir mas estou zangado", na noite da nossa estreia no Hot Clube. Mas sempre com um enorme orgulho que tentava não nos revelar demasiado.

Com e sem jazz a nossa sempre foi uma casa abençoada. Uma casa onde se jogava hóquei em patins no corredor e se ensaiava até às 3h da manhã. No meio da confusão a mãe escrevia, no refúgio do seu escritório e dos seus livros. Uma casa onde se levava a sério a ideia de que o natal é todos os dias: por mais de uma vez a árvore de natal manteve-se no meio da sala, enfeitada e já sem folhas, de um ano para o outro. E por falar em botânica, tinha a televisão geralmente sintonizada numa imagem de um belíssimo tapete verde com duas balizas e onze jogadores de cada lado. E se alguém ousasse sugerir que o jogo estava maçador e se devia mudar de canal vinha a frase lapidar "adoro ver relva".

Mas se ele nos deu tanta coisa ao longo dos anos, com a sua inteligência, sabedoria e sentido de humor, também é certo que foi abençoado na sua vida. Uma longa vida com a nossa mãe, que com uma dedicação e amor incondicionais lhe deu tudo, com uma enorme admiração e, verdade se diga, alguma paciência.

De muitos outros que enriqueceram a sua vida, e a quem ele de certeza gostaria de agradecer, o seu mais antigo amigo, companheiro da música e da vida, um irmão mas também um pai, o nosso querido Tó Zé Barros Veloso. A sua vida não teria sido a mesma sem ele, e a nossa também não. E, claro, o tio Sioga, o seu irmão gémeo sem o ser, como diz a nossa prima Rosário, e que hoje ele reencontrou.

Adorava as netas e os netos, nada lhe dava mais alegria do que as conversas apaixonadas que tinha com eles sobre virtualmente qualquer tópico, mas sempre com grande autoridade e uma memória prodigiosa.

Com a sua habitual precisão germânica planeou a sua partida e, como um bom jogo de futebol, parou aos 90. E agora que chega às portas do céu e reencontra as suas irmãs e irmãos, pai, mãe, família, e amigos, mas também os grandes mestres do jazz (se bem que há razões para duvidar que estes estejam de facto no céu), é tempo de sermos nós a dizer-lhe: "não dês graves nem agudos, podes começar com o Autumn Leaves".

Mas é sobretudo tempo de aproveitar essa gloriosa *jam-session* na esfera celeste que tanto o apaixonava. Nas leis da física que regem o universo passa a haver mais uma variável: o swing inabalável do engenheiro. ◆

Pedro Moreira, Músico, Presidente do Hot Clube de Portugal

O engenheiro

INÊS CUNHA

O Engenheiro Bernardo Moreira estava sentado na sua cadeira na sala da direcção.

Tinha andado a telefonar sem cessar para o Hot Clube para conseguir uma reunião com ele, havia semanas. A resposta era invariavelmente "ainda não chegou" ou "acabou de sair" e eu tinha a consciência de que tal coincidência era uma impossibilidade.

Foi das poucas ocasiões em que insisti com alguém que, por uma razão ou por outra, mas tão declaradamente, não queria reunir comigo. Não sei bem de onde me veio essa convicção.

Nesse dia em que o "apanhei" começou por me beijar a mão e avisar que tinha pouco tempo.

A verdade é que ficámos a conversar durante horas e saí de lá contratada para trabalhar nas "coisas" do Villas, que estavam numa sala da escola do Hot Clube.

Essa tarde, em Outubro de 2003 mudou a minha vida.

Posso afirmar que o Engenheiro Bernardo Moreira gostava tanto daquela tarefa com eu. Abrir caixas e descobrir programas, discos, notas nas coisas do Luiz Villas-Boas era sempre o princípio de uma aula de história com conteúdos imprevisíveis, que tanto podia acabar com uma confidência contida sobre o seu pai, como nas invasões napoleónicas e nas linhas de Torres. Esses anos, paredes meias com o escritório do Engenheiro foram o princípio do meu amor pelo Hot Clube, do qual, no entanto já era sócia desde 1991. É sabido que os amores também crescem por osmose.

Vários anos depois não me disse "avance", nunca sequer me disse se achava bem ou mal que eu me candidatasse a Presidente. Os primeiros anos a ocupar uma posição que tinha sido dele foram seguidos de perto e nem sempre foram fáceis, nem para ele nem para mim. Mas consultava-o nas grandes decisões e sabia a sua posição, embora muitas vezes não fosse a minha e não fosse a definitiva. A verdade é que depois de tomada passava a ser também a dele, embora não se coibisse de me dizer em privado, que não estava de acordo.

Nunca consegui chamar-lhe Binau. Ele achava graça à minha hesitação e insistia por vezes. Um dia fomos os dois visitar a Maria Helena, viúva do Luiz Villas-Boas. A Maria Helena, que estava num lar, já muito incapacitada, sorriu com vontade e disse: "Olha o Binauzinho, que saudades." É isso. Que saudades! ◆

Inês Cunha, Anterior Presidente do Hot Clube de Portugal

Pedro Martins de Lima (contrabaixo) em sessão em 1951 na primeira sede do HCP na cave da Praça da Alegria 66, e que participavam músicos como Rueda (bateria), Ivo Mayer (piano) ou Helder Martins (piano).

JOÃO MOREIRA DOS SANTOS

Pedro Martins de Lima, o *enfant terrible* do jazz

1930 — 2023

Pedro Martins de Lima (contrabaixo) no "Jardim da Manga", em Coimbra, em 1955, com Barros Veloso (piano), Carlos Menezes (guitarra), e Luís Sangareau (bateria).

Pedro Martins de Lima (contrabaixo) com Panchito Cau (clarinete), José Luís Tinoco (piano), e Luís Sangareau (bateria), em 1956 na cave do nº39 da Praça da Alegria.

Embora seja considerado o "pai" do surf em Portugal e se tenha distinguido em diversos desportos náuticos, Pedro Martins de Lima foi, sobretudo, um fervoroso apaixonado pelo jazz, tendo acompanhado bem de perto os primeiros tempos do Hot Clube de Portugal. Rebelde, intrépido e de espírito aventureiro, participou nas primeiras *jam-sessions* e protagonizou alguns dos momentos mais memoráveis e inusitados na vida do clube e nos primeiros passos do jazz moderno no país.

Nascido em Setembro de 1930, em Lisboa, de pais melómanos que lhe incutiram o gosto pela música clássica, Pedro Martins de Lima chegaria ao jazz em consequência de um evento ocorrido naquele mesmo ano. O destino ficou traçado quando o pai, militar de carreira e neto e bisneto de oficiais de cavalaria, participou numa conspiração militar e civil contra a ditadura militar, o que lhe valeu a deportação para os Açores.

Nesse arquipélago, para o qual se deslocou durante a Segunda Guerra Mundial, primeiro no Faial e depois na Terceira, Martins de Lima viria a apaixonar-se por um género musical que, conforme referiu em 2008 ao autor deste texto, era então "considerado música de pretos, no aspeto negativo da palavra; as pessoas não conheciam o potencial e a maravilhosa melodia, a improvisação e a capacidade musical, a capacidade rítmica, dos negros".

O seu crescente interesse pelo chamado "som da surpresa" ficou a dever-se, desde logo, à amizade que ali travou com cidadãos norte-americanos – graças aos quais tinha acesso a discos de 78 rotações e a revistas com referências ao jazz – e também à audição das emissões radiofónicas da estação norte-americana Voz da América, que lhe traziam, por exemplo, o trio de Nat King Cole. Acresce que em 1944, ainda adolescente, pôde assistir, na Base das Lajes, à actuação da orquestra militar de Glenn Miller, um grupo pleno de swing.

OS ANOS DO HOT CLUBE E A REBELDIA

Em 1946, regressado a Lisboa, a amizade que travou com os irmãos Sangareau, nomeadamente o baterista Luís Sangareau, levou-o a tocar em diversos cabarets da capital, nomeadamente o Maxime, e também no Centro Espanhol, onde, juntamente com os amigos, actuava durante os intervalos, utilizando os instrumentos dos músicos profissionais.

Mais importante, esse contacto valeu-lhe o ingresso na comunidade jazzística, que estava a formar-se em torno de Luiz Villas-Boas e do programa radiofónico Hot Club. Foi nesse contexto que em Fevereiro de 1948 assistiu à primeira jam-session pública realizada em Portugal, evento que teve lugar no Café Chave d'Ouro, no Rossio, e contou, nomeadamente, com a participação do baterista e vocalista Albert "Pops" Whitman. Sessenta anos mais tarde, Martins de Lima recordaria que "essa jam session foi continuada em minha casa, em Carcavelos, onde eu tinha um salão muito grande, […] de bilhar, onde fazia os meus parties para a linha [de Cascais]. E como tinha dois pianos, podíamos tocar o *boogie-woogie* a dois pianos […]. Saímos do Chave d'Ouro e fomos para minha casa. O resto da família dormia. Felizmente, uns *rideaux* muito grandes, de veludo, impediam que aquela barulheira chegasse e acordasse a família toda. […] Havia umas portas falsas […] lá num canto; abria-se um armário e entrava-se para um túnel que ia ter aos esconsos. E nós convencemos o Pops que o esconso tinha fantasmas, e o preto ficou cinzento [risos]".

No mês seguinte, Luiz Villas-Boas fundava o HCP e em 1950 os respectivos estatutos eram finalmente aprovados pelo governo. Na primeira sede, instalada provisoriamente num quarto andar da Praça da Alegria, Pedro Martins de Lima aprendeu, de ouvido, a tocar contrabaixo. Foi o que bastou para passar a participar nas *jam-sessions* realizadas pelo clube, juntando-se, nomeadamente, aos pianistas amadores Gérard Castello-Lopes e Manuel Menano, todos eles encantados pela sensação do *boogie-woogie* e pelos discos do pianista George Shearing. Levantava-se, contudo, um sério obstáculo à expressão jazzística dos aspirantes nacionais a *jazzmen*, o que levou Martins de Lima a recorrer a medidas drásticas, mas inofensivas, para reconquistar o HCP:

> *Havia problemas de tesouraria e […] a Cândida Ghira [secretária do HCP] começou a trazer uma quantidade de amigos que não vinham minimamente animados de espírito do jazz, queriam era um sítio para às sextas-feiras e aos sábados virem dançar agarradinhos […].E então, nós estávamos a tocar e como aquilo não era dançável, porque eles não sabiam dançar jazz, punham em altos berros pasodobles, tangos e não sei quê. […] Eu achei então que aquilo era uma coisa… Quer dizer, contra o terrorismo só o contraterrorismo. De maneira que confecionei umas bombas de fabrico caseiro… […] E então, um sábado [em] que nós tínhamos sido […] invadidos por uma cáfila de sócios, pá, que nos ia perfeitamente impedir de tocar jazz […], pus uma bomba assim no meio da malta que estava a dançar […] e aquilo manda um petardo, pá, com uma grande fumarada. Quando eu pus a segunda […], essa então já era altamente explosiva. Então, aquilo mandou um petardo… O sopro que foi pela escada acima fechou a porta e a malta que ia a descer as escadas fugiu. E nessa altura já houve malta a fugir pela escada acima. E aquilo era uma cena… Ficou tudo surdo […]. E então, a terceira bomba era um chouriço assim deste tamanho, pintado de encarnado, todo enrolado com um rastilho deste tamanho [ilustra], e o Luís Sangareau era suposto ir para a bateria fazer um rufo, que era para dar suspense. A malta atropelava-se… houve uma senhora que ia tendo a criança – tinha barriga –, ia tendo a criança nas escadas. Fugiu tudo pela escada acima. Fiquei só eu e o Luís Sangareau. E o Luís Sangareau, a certa altura, diz assim: "este gajo é maluco."*

A rebeldia de Martins de Lima manifestava-se, aliás, noutras vertentes. Ainda na década de 1950, fez amizade com o saxofonista belga Jean-Pierre Gebler, com o qual mantinha, como revelaria em 2008, "uma plantação de marijuana na autoestrada, à saída de Algés,

antes de passar debaixo do túnel; […] tínhamos cinco ou seis pés magníficos de haxe, de que íamos fazer a safra nos dias de Sol [ri-se]".

Em meados dos anos 1960, tal como contou em 2016 à Hot News, protagonizou outros episódios caricatos, dos quais costumava falar entre amigos:

> *Tinha o catamarã no Clube Naval de Cascais e arrancava para Albufeira para passar férias, fundeava em Vilamoura e ia tocar com os Sheiks. Vinha a nadar com a roupa amarrada dentro de um saco de plástico. Tinha barbatanas e uma toalha. Enxugava-me, vestia a roupa, enterrava as barbatanas junto à muralha de Vilamoura e ia tocar com os Sheiks até às duas da manhã e, depois, íamos jogar póquer para casa deles. […] Tocava bossa-nova. As autoridades não deixavam estar mais tempo após as duas da manhã. Eu levava surdo, cuíca, reco-reco, pandeiro, tamborim – porque tocava bem esses instrumentos – e íamos pela rua fora a tocar. Uma vez por volta das três da manhã eu estava debaixo de um candeeiro a tocar pandeiro, abre-se uma janela e uma velhinha pergunta: «Não tem vergonha?», «Porquê? Estou fora do tempo?».*

ENCONTROS FORA DE PORTAS

A trabalhar desde os 19 anos numa empresa britânica – a Imperial Chemical Industries (ICI) –, Pedro Martins de Lima dispôs desde muito jovem de recursos que lhe permitiam viajar, nomeadamente para o Funchal – onde tocava regularmente com Tony Amaral, quando ali se deslocava em serviço –, mas sobretudo para o estrangeiro.

Na Europa, um dos seus destinos preferidos era Paris. Ali, reunia-se amiúde com os companheiros de caça submarina e assistia também a concertos de jazz. Entre os seus eleitos nas audições parisienses estavam, por exemplo, os históricos saxofonistas Sidney Bechet, Lester Young e Stan Getz, e também o trompetista Chet Baker. No Mars Club, fundado em 1953, deparou-se, por volta de 1958, com uma das grandes vozes do jazz, tal como revelaria 50 anos mais tarde: "foi lá que eu conheci e me tornei amigo da Carmen McRae, com quem choquei à entrada. Eu não me lembrava [do nome] – era uma cara conhecida, e eu julguei que a conhecia de lá – […] e então tornei a chocar com ela […] e a dizer: «estamos a perseguir-nos, ou eu a si ou você a mim». E passado um bocado [o dono do clube] vem apresentá-la […]. E aí é que eu me lembrei: conhecia-a das capas dos discos. Então ela cantou […] e numa das músicas […] deu-me a mão e […] cantou para mim". Nesse mesmo ano, Martins de Lima navegaria à vela rumo ao Funchal, tendo como companheiro de viagem o francês Alain Bombard, que se celebrizara seis anos antes ao efectuar a travessia solitária do oceano Atlântico.

Se a intensa vida profissional e pessoal o afastou progressivamente do HCP, a ligação ao jazz sobreviveu ao passar dos anos. Em meados da década de 1960, numa das várias idas anuais à sede da ICI, teve oportunidade de tocar brevemente com o histórico saxofonista-tenor Coleman Hawkins. O encontro ocorreu no Ronnie Scott's, um prestigiado clube de jazz localizado em Londres, e foi recordado em 2016 pelo próprio Martins de Lima: "o Ronnie Scott sabia que eu tocava contrabaixo, porque ia para lá ouvi-los ensaiar à tarde, depois ia lá à noite, todas as noites. Ainda era na primeira localização do clube, no Soho. O Coleman Hawkins quando lá foi tocar, chegou ajudado por alguém e sentou-se. Depois trouxeram-lhe o saxofone. Ele começou a tocar, olhou para o sax e disse «*You are no longer the same*» [Já não és o mesmo]... Como o contrabaixista ainda não tinha chegado, estivemos a tocar uns compassos, também com a bateria".

Ainda a propósito das viagens ao estrangeiro, contaria em 2016, também à *Hot News*, um episódio curioso: "eu ia e vinha de carro, de Paris. Não podia trazer Coca-Cola, era proibido, e os livros do Sartre, trazia-os escondidos debaixo dos bancos e dentro do motor porque se me apanhassem, prendiam-me! O mesmo se passava com os livros da Simone de Beauvoir e do Albert Camus – um dos escritores mais importantes da minha vida sob o ponto de vista cultural!"

CODA

Pedro Martins de Lima, que apesar da idade avançada e de viver no norte do país, raramente falhava as celebrações dos mais recentes aniversários do HCP, nem que isso implicasse conduzir centenas de quilómetros ou até milhares – como quando, em 2008, chegou à Praça da Alegria vindo de uma maratona que, ao longo de 19 horas, o trouxe dos Alpes franceses –, partiu em Fevereiro de 2023, aos 92 anos, para a sua derradeira viagem.

E talvez para vincar o *bon vivant* que foi, pautado sempre pela boa disposição, por um acentuado sentido de humor, uma gargalhada sonora e muitas partidas, despediu-se da vida numa terça-feira de Carnaval.

Para rematar este artigo sobre a vida plena de Pedro Martins de Lima, à qual não faltaram cinco casamentos e o encontro com personalidades como o oceanógrafo e documentarista Jacques-Yves Cousteau, vieram-me à memória certas palavras que me disse na entrevista que lhe fiz em 2008, na sede do HCP: "nunca fui verdadeiramente bom em nada, mas fui um gajo extraordinariamente preenchido". ◆

Pedro Martins de Lima, "um gajo extraordinariamente preenchido" numa fotografia de Augusto Mayer em 1956 no Restaurante Mónaco

João Moreira dos Santos, Investigador e autor do programa "Jazz a dois" na Antena 2

Paulo Gil (bateria) com o grupo de Panchito Cao (clarinete) em 1956 na cave da Praça da Alegria nº39.

Paulo Gil 1937 — 2022 a que horas começa o primeiro set?

Olá! Cheguei! – a voz trovoou entre as nuvens, batendo na porta do guichet e no olhar assarapantado do anjo de turno.

Nome e morada, por favor – perguntou, já burocraticamente refeito.

Deixa-o a entrar – disse Pedro, o capataz, sentado na nuvem mais distante e sem levantar os olhos das Escrituras – *É o Paulo!*

***

Num instante o céu alvoroçou-se. Na sala dos steinways, Bábá deixou um bolero em suspenso, Marcos fechou o fender sobre um samba de uma nota só e Canelhas adiou a pergunta sobre um acorde do bolero de Sassetti que o intrigava. Paulo foi recebido com tantos abraços e !!!s que deixou cair as baquetas que trazia no bolso do casaco. Mais longe, Sangareau sorriu e Jean Pierre fez stop no vídeo de Belarmino enquanto, a seu lado, Manuel Jorge pousava o iPad, interrompendo a leitura das notícias, e puxava mais um abraço:

Sempre a considerá-lo! E sem interrupções: *então, quais são as últimas lá de baixo?*

T*udo na mesma, o Benfica perdeu*, respondeu Paulo com um sorriso maquiavélico. Manuel Jorge deu um pontapé na tarola mais perto. *Cuidado com o material* – gritou Pedro, o capataz.

Mas a malta continua a nascer como cogumelos – continuou Paulo numa avalanche em crescendo. *Só na última semana ouvi meia dúzia de saxofonistas, 4 trompetistas, 2 trombones, um vibrafone, 3 baterias, 8 contrabaixos, 7 pianos, 2 big bands* e – rindo – *nenhum guitarrista! Ah! e 33 cantoras, claro…*
E sabem tudo!

Como no nosso tempo… galhofou Manuel Jorge.
O problema é encontrar palcos para pô-los a tocar.

Muitos deles já estão apalavradas para Valado de Frades – informou Paulo.

Este ano há Seixal? – interrogou Mendonça, sentado numa nuvem mais abaixo. *Claro, que é que esperavas?* respondeu Paulo.

Vê *lá se te fazem o mesmo que a mim no Estoril.* – voltou Mendonça – *Isto está é para os tipos que não gostam de jazz. Ainda ontem li que vão uns suíços ao Goethe tocar "uma música hipnótica e hipnotizante que vai tornar os jardins num spa ao ar livre"…*

Quando as gargalhadas abrandaram, apareceu Rui Cardoso: *Oh pá!, estava a ver que nunca mais vinhas!* Na nuvem dos saxofones, às voltas com um rico, Jorge Reis riu-se: *agora é que acabou o descanso…* Discreto como sempre, Nuno Gonçalves deitou o contrabaixo: *A secção rítmica já está completa.*

E Paulo de repente: *E o Villas? Onde é que anda o Villas?*

Fala baixo – sussurraram os irmãos Mayer. – *O Villas continua a ver se consegue que o Governo Divino lhe aprove os estatutos do Hot Heaven. Não está fácil…*

Estás com um ar cansado, atirou-lhe Cardoso. *Foi da despedida* – contou Paulo, de rosto iluminado – *acabámos numa jam, família e amigos, a cantar "I'll be seeing you in old familiar places…"*

Foi bonita a festa, pá – riu-se Marcos.

***

Então o primeiro set nunca mais começa? – perguntou Paulo.

Está atrasado – disse Pedro, tilintando as chaves da porta de entrada.

Ah, ah ah! – gargalhou Paulo – *Parece a Praça da Alegria… Estou em casa!* ◆

António Curvelo, Crítico de Jazz
Texto publicado originalmente no Jazzlogical

Paulo Gil
© Carlos Reis, 2014

José Duarte 1938 — 2023 *seven steps to heaven*

HELDER BRUNO MARTINS

José [Manuel de Azevedo] Duarte nasceu a 23 de junho de 1938, no Bairro Alto, em Lisboa.

O primeiro «evento-experiência» que marcou o seu percurso de vida deu-se na adolescência, quando seu tio Rui[1] lhe diz "o rio nunca é o mesmo... É Heráclito. O Partido Comunista Português instruía os militantes". E se tio Rui sabia quem era Heraclito, José Duarte sentia obrigação de saber muito mais. Passou desde então a frequentar assiduamente a Livraria Escolar Editora.

Passou pela Escola do Exército. "Um erro"... Ingressa no ISEG. "Outro erro"... Até que se dá outro «evento-experiência» indelével: a sessão fonográfica promovida por Raul Calado no Instituto Superior Técnico (IST):"Foi uma mudança para um homem novo. Foi fundamental o meu tio. E o Raul Calado!...". José Duarte é o segundo subscritor do Clube Universitário de Jazz, fundado em 1958, ano em que passa a colaborar na Rádio Universidade de Lisboa e nos jornais da época sob o nome "Azevedo Duarte", fazendo-se notar. Deixa os estudos e vai trabalhar para a TAP.

Em fevereiro de 1966, na Rádio Renascença (RR), inicia a histórica rubrica de rádio Cinco Minutos de Jazz (CMJ). Em abril de 1970, nesta mesma emissora, enquanto colaborador do programa Tempo Zip é enviado para Houston (EUA) para acompanhar o regresso da missão Apollo 13. Dizia ter estado na génese do célebre acontecimento do 1.º Festival Internacional de Jazz de Cascais (1971) em que Charlie Haden dedica "Song for Che" aos movimentos de libertação das colónias portuguesas de África. Edita o disco "Estilhaços - Steve Lacy Live in Lisbon", em 1972, para celebrar seis anos de CMJ.

A sua atividade prossegue, frenética. Colabora, produz, realiza (para rádio e tv), publica, sobre jazz e não só. Era apaixonado por outras músicas, literatura, artes plásticas, cinema. Mas o jazz era tudo e tudo o que importava verdadeiramente estava no jazz. Vence prémios da comunicação social e é homenageado por instituições públicas e privadas. Em 2009, foi condecorado com o grau de Grande Oficial da Ordem de Mérito pela Presidência da República.

Através do jazz José Duarte viu, sentiu e leu o mundo e os outros, projetou-se e auto representou-se, sistematizou no jazz os seus valores, princípios e ideais estéticos e políticos. Se em ditadura José Duarte recorreu ao jazz para alertar contra as injustiças sociais, contra as colónias, contra a exploração e a repressão, ainda que de forma mais ou menos subliminar ou metafórica, depois do 25 de abril passou a utilizar o jazz para expor ideias relativamente à interpretação que fez da sociedade portuguesa. Neste sentido, mais do que divulgador ou crítico de jazz[2] , José Duarte é um «mediador», de acordo com a Art Network Theory (ANT), teoria de M. Callon, M. Akrich, B. Latour e J. Law. É, assim, um "agente de transformação" através do jazz, da apropriação, da interpretação e das emanações discursivas que elaborou e difundiu através do jazz.

Privou com músicos e esteve em vários locais e festivais históricos. Levou o jazz até à Universidade de Aveiro, nos primeiros anos do séc. XXI. Em 2004, o arquivo que construiu ao longo da vida foi transferido para a Universidade de Aveiro, dando origem, em 2007, ao Centro de Estudos de Jazz. Aqui permanece vivo, num conjunto de coleções que se assume como extensão identitária do seu criador: José Duarte (1938-2023). ◆

Fotografia registada por Helder Martins, em casa de José Duarte, a 19 de abril de 2019

1 Irmão da mãe, operário, 4.ª classe, militante comunista, sobrevivente da prisão de Tarrafal de onde regressa com um defeito numa mão depois de ter estado na "frigideira" e de um guarda lhe ter pisado a mão.

2 É de referir aqui o projeto de investigação *Mensageiros do Jazz: o Papel dos Divulgadores do Jazz em Portugal no Séc. XX*, decorreu entre 2009 e 2013, na Universidade de Aveiro. O projeto foi financiado pela FCT (PTDC/EAT-MMU/102624/2008) e contou com a coordenação da Prof.ª Doutora Susana Sardo. Do estudos desenvolvidos anteriormente o projeto MensaJazz identificou cinco divulgadores: o divulgador anónimo das década de 1920 e 1930 que se designou como "Vozes da América", Luiz Villas- 1938-2023). http://mensajazz.web.ua.pt/

Hélder Bruno Martins, Etnomusicólogo, Doutorado pela Universidade de Aveiro

A história de 2023: o Hot fora de portas

FRANCISCO CASTRO REGO

O encerramento das instalações do clube durante 2023 não significou o abandono das atividades do Hot Clube, mas a sua transformação.
Uma onda de solidariedade permitiu que a programação do HCP tivesse entrado em espaços até antes nunca navegados.

Logo a 9 de março, cumprindo uma programação adiada, o espaço do Titanic sur mer recebeu o Jazz Ensemble de Dusseldorf. Quase de imediato surgiu a disponibilidade da EGEAC e a grande recetividade do Teatro da Comuna para acolher no seu espaço, a primeira parte do Festival dos 75 Anos do HCP, iniciado a 17 de março com o concerto dos Lokomotiv com Carlos Barreto, Mário Delgado e José Salgueiro, seguido de uma "jam session" com Hugo Lobo, Francisco Brito e Gabriel Moraes. O encontro de gerações continuava no dia 18 com concertos pelos Combos da Escola do HCP, e uma mesa redonda sobre o ensino do jazz juntava Zé Eduardo, Bruno Santos, Gonçalo Marques e Pedro Moreira. os primeiros e os atuais responsáveis da Escola do HCP. A música continuava com o duo de Zé Eduardo e João Paulo Esteves da Silva, o "Mingus Project" com Ricardo Toscano, Diogo Duque, João Pedro Coelho, Nelson Cascais e André Sousa Machado, finalizando, como deve ser, com outra "jam session", desta vez iniciada com o trio de Filipe Melo com Romeu Tristão e João Pereira.

O público na Festa dos 75 anos no Teatro da Comuna.

Lokomotiv com Carlos Barreto, Mário Delgado e José Salgueiro

Combo de alunos.

João Paulo Esteves da Silva e Zé Eduardo.

"Jam session" iniciada com o trio de Filipe Melo, Romeu Tristão e João Pereira

"Mingus Project" com João Pedro Coelho, Ricardo Toscano, Nelson Cascais, Diogo Duque e André Sousa Machado.

O Festival dos 75 anos continuava no dia 19 agora no Forum Lisboa, novamente cedido pela EGEAC, com a grande orquestra do Hot Clube de Portugal dirigida por Pedro Moreira e com uma mão cheia de convidados amigos do HCP como Jeff Davis, Maria João, Mário Laginha ou Ricardo Toscano. Um fim de semana intenso, cheio de boa música e de excelentes reencontros a animar a causa do HCP para os próximos 75 anos.

Fotografias de © Rosa Reis

O **Teatro da Comuna** continuou desde essa altura a ser o palco de iniciativas do HCP desde o Dia do Sócio a 17 de julho à "masterclass" e concerto "Triple Dip" com Samuel Blaser, Russ Lossing e Billy Mintz a 15 de novembro.

As portas que **abril** abriu ao HCP foram as do espaço do **Tokyo** onde, no dia 30, o Dia Internacional do Jazz, atuaram Combos de Alunos, o sexteto "Off on a Cornet" com Julia Rassek, Maria Fonseca, Álvaro Pinto e José Manuel Cavaco, o Trio de Clara Lacerda, com Romeu Tristão e Ricardo Coelho, o Trio de João Barradas com André Rosinha e Bruno Pedroso, e o Trio de Rodrigo Amado com Hernani Faustino e João Lencastre.

O mês de **maio** assistiu a recitais de alunos com os quartetos de Mariana Meneses, de Philippe Paymal, de Teresa Arriaga, ou o JáJazz nos espaços da Vossa Lisboa, com o trio de David Conceição e o duo Mariana Menezes e Phillipe Paymal no espaço da **Livraria Ferin**. Entre o final de maio e o mês de **junho** os alunos do Atelier fizeram uma apresentação no Jardim das Amoreiras e houve oito dias de recitais de finalistas no espaço da **Dual**.

Entre **junho e julho** a programação do HCP ocupou por quatro vezes os espaços da **Casa Fernando Pessoa**, com o "Combinatorium" de José Peixoto e Nuno Cintrão, o Bruno Santos "Almmond 3" com Hugo Lobo e Nemanja Delic, o "The peace of wild things" com Clara lacerda, Romeu Tristão e Ricardo Coelho, ou o "Tracapangã" com Mariana Dionísio e João Pereira. Também durante estes dois meses a programação do HCP esteve na base de dez concertos no espaço do **Távola Bar**, com Ricardo Toscano Trio, com Romeu Tristão e João Pereira, com o "Mano a Mano" de Bruno Santos e André Santos, com o trio de Bernardo Moreira, Ricardo Dias e João Moreira, com o "Boglin" de Tomás Marques e Afonso Pais, com os duos Mariana Dionísio e João Pereira e de Nazaré Silva e João Paulo Esteves da Silva, com o Trio de Rão Kyao com Renato Silva Júnior e André Sousa Machado, com o trio de Bárbara Moreira, Masha Soeiro e Gonçalo Marques, com o quarteto de André Murraças, e o duo de Sara Serpa e André Matos. Para além destas dez noites uma "jam session" com o histórico Doutor Barros Veloso encerra em novembro a série da programação do HCP no Távola Bar.

Agosto e setembro foi o tempo do programa "Hot nas Avenidas" no **Jardim do Arco Cego** com cinco concertos, desde o grupo Samsa+John O'Gallagher, com Gonçalo Marques, João Carreiro e Miguel Rodrigues, o quinteto de Sara Gonçalves e Quarteto de Ricardo Ramos, o Trio de André Fernandes com Nelson Cascais e Diogo Alexandre, o Junior Maceió Quarteto com Hugo Lobo e Rodrigo Correia e Rogério Pitomba, finalizando com o quinteto de Isabel Rato. No final de setembro, dia 29, foi o espaço da **Gulbenkian** a acolher o Festival com Jovens Músicos, com uma "Masterclass" de inicição ao Jazz, com Bruno Santos, João Moreira, João Coelho, Nelson Cascais e André Sousa Machado, uma mesa redonda sobre os 75 anos do HCP e Combos de Alunos.

Para além da programação do HCP nestes espaços houve, durante todo o ano de 2023, um conjunto muito grande de eventos promovidos pelo HCP, incluindo as suas próprias formações. A **Orquestra do HCP**, liderada por Pedro Moreira, atuou logo em março no Festival dos 75 anos do HCP no **Forum Lisboa**. E a Orquestra iria atuar de novo em setembro no Seixal, na **Festa do Avante.** Ainda em março o **Sexteto do HCP**, com Pedro Moreira, João Moreira, João Coelho, Bruno Santos, Romeu Tristão e André Sousa Machado apresentou-se no Auditório dos Oceanos

ao lado: Recital de alunos na Dual

do **Casino Lisboa** num Concerto Solidário "Casa Nova". E o mesmo sexteto do HCP participou em junho no **Festival de Valado dos Frades** e em setembro no **Campus da Justiça de Lisboa**. A formação em **quinteto**, sem Pedro Moreira, participou no início de outubro na iniciativa do Dia sem Carros no Ministério das Finanças e no **Grândola Vila Jazz**. E o trio do **HCP** participou em junho num concerto na **Embaixada dos Estados Unidos da América.**

Também muitos outros espaços foram palco de eventos promovidos pelo HCP. Logo em abril na residência **Domus Arieiro** atuou um Combo de Alunos do HCP. Em maio, no Dia dos Trabalhadores do Município, atuou na **Câmara Municipal de Lisboa** o duo de Romeu Tristão e Maria Fonseca e no Dia dos Notários atuou no **IRN** o duo Gonçalo Marques e João Carreiro. Em junho, nas **Carpintarias de São Lázaro** atuou o GOLPE com João Carreiro e participaram no workshop de **Marcos de Canavezes** Luís Cunha, Óscar Graça e André Sousa Machado. Em julho, o trio de João Capinha tocou no **ISEG,** o septeto de Alunos do HCP tocou no **Festival de Saxofones de Palmela**, e o trio de Paulo Santo com Francisco Brito e João Rijo atuou nos espaços da **Liga para a Proteção da Natureza**. Em agosto o HCP promoveu no espaço da Vigia, na **Praia da Areia Branca**, um concerto com o trio de Rão Kyao. Em setembro foram os espaços abertos da cidade de Lisboa a acolher o jazz, na Colina das Artes, o **Miradouro da Graça**, com os quartetos de Maria Fonseca com Masha Soeiro, Juliana Mendonça e Maria Carvalho, e de Carolina Moura com Rita Caravaca, Constança Peres e Sara Gonçalves. Depois foram o **Jardim Botânico de Lisboa**, com o Quarteto de Desidério Lázaro com Nuno Costa, Francisco Brito e Carlos Miguel, e o **Jardim da Estrela** com o MESMER de Bernardo Tinoco, João Carreiro e André Carvalho. E em outubro continuava o jazz nos jardins, agora no **Jardim Botânico de Belém**, com o grupo de Margarida Mourão e Maria Fonseca com João Espadinha e Francisco Brito.

Em novembro no **CCC** de **Caldas da Rainha** atuou o quarteto de Rita Caravaca com João Heliodoro, Telmo Lopes e Gonçalo Figueiredo. E em dezembro, na Festa do Jazz no **Picadeiro de Belém**, atuou o Combo com Maria Meireles, Rodrigo Pereira, André Machado, Sílvia Ferreira, Constança Peres e Sara Gonçalves. E o HCP irá ainda participar em dezembro na iniciativa Jazz in Avenida, a decorrer em diversos locais na **Avenida da Liberdade, em Lisboa**. ◆

Em cima: Jazz nas Avenidas e no Jardim Tropical de Belém. Em baixo: International Jazz Day Tokyo com combo de alunos

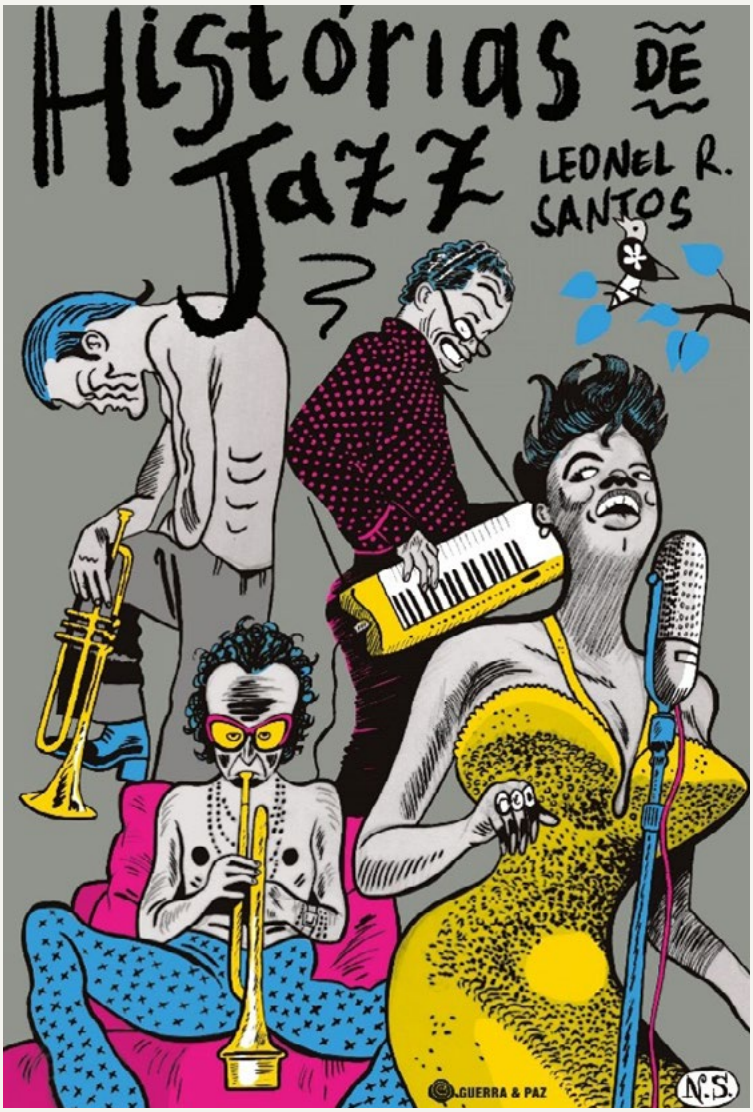
O trio de Rão Kyao na Praia da Areia Branca em agosto

Francisco Castro Rego Engenheiro Silvicultor, Vice-Presidente do Hot Clube de Portugal

Histórias de Jazz de Leonel R. Santos

JORGE LIMA ALVES

Histórias de Jazz, editado pela Guerra & Paz, reúne catorze histórias inspiradas por músicos de jazz ou por canções que eles ajudaram a eternizar. Porém, aos meus olhos, o título tem algo de redutor, pois ele é, antes de mais nada, um livro de ficção, que revela um real talento de contista. Diria mesmo que não é necessário gostar de John Coltrane ou de Charlie Parker para ficar rendido a esta escrita cuja poesia e musicalidade é tão evidente.



Tomemos Paradiddle, por exemplo, que no livro aparece no quarto acto. A história põe em cena um desgraçado que vive múltiplas vidas, pois acorda frequentemente no corpo de outras pessoas, ao ponto de já não saber quem é. Tão depressa é empregado de escritório numa companhia de seguros, como agricultor, moço de recados ou empregado de café. Tantas vivências e tão bem descritas que a sua vertigem nos contamina. E quando pensamos que o seu e nosso desnorte chegou ao fim, a história seguinte, Every Time We Day Goodbye retoma a personagem e o tema de uma existência fragmentada para se revelar ainda mais assombrosa, conduzindo a um paroxismo quase insuportável.

Noutras vidas, ou melhor, noutras histórias, Leonel R. Santos traz músicos como Jimmy Smith ou Charles Lloyd à liça para, com humor e ternura, evocar o papel libertador e absolutamente central que a música e muito especialmente o jazz sempre tiveram e continuarão a ter na sua vida. Na impossibilidade de falar de todas as narrativas, limito-me a sublinhar que o tema claramente dominante do livro é o do amor e da falta que ele faz para sabermos quem somos, pois a quem falta amor falta a parte mais importante de si mesmo.

Em todos os relatos deste incurável romântico que é o Leonel Santos, o amor e nomeadamente a sua componente sexual, está omnipresente, seja por defeito ou por excesso. E o modo como o tema é abordado lembra Charles Bukowski ou Henry Miller, escritores muito ligados a estes temas e que recorreram ao mesmo estilo coloquial, desabrido, sem freios a que aqui se recorre.

Na introdução, o autor afirma que a maioria destas histórias lhe foram sugeridas por leitores da revista de jazz que fundou e dirigiu em 2001. Afirma mesmo que apenas duas das histórias lhe pertencem inteiramente, para logo acrescentar que todas as outras foram todas re-escritas por si, adulteradas e desenvolvidas, introduzindo-lhes a sua forma de escrever e pensar. Um processo de apropriação tão admiravelmente conseguido que a questão que muitos se colocarão, quando fecharem o livro, é quão autobiográficas são estas peripécias, onde o narrador frequentemente se confunde com o autor, que não se coíbe, aqui e ali, de intervir no desenrolar da narrativa para dar a sua opinião sobre as mais diversas matérias ou até para ocasionalmente ironizar sobre o que está a fazer.

Catorze histórias, portanto, onde a realidade mais crua se deixa frequentemente impregnar por uma fantasia mais própria dos sonhos, e onde deparamos invariavelmente com alguém em busca de uma redenção, que só na amizade e na arte parece ser possível encontrar. ◆

Jorge Lima Alves Jornalista, escritor e fotógrafo. Editor de Cultura na revista do Expresso.

Villas-Boas com Louis Armstrong na Salle Playel, em Paris, em 1949 e em Lisboa, em 1961

Em 2024: lembrando Luiz Villas-Boas 1924 —1999

Falar de jazz em Portugal é falar, obrigatoriamente, de Luiz Villas-Boas. Por altura do seu centenário vão aparecer, em 2024, diversas iniciativas, das quais destacamos desde já a publicação de um livro de João Moreira dos santos e de um filme de Laurent Filipe.

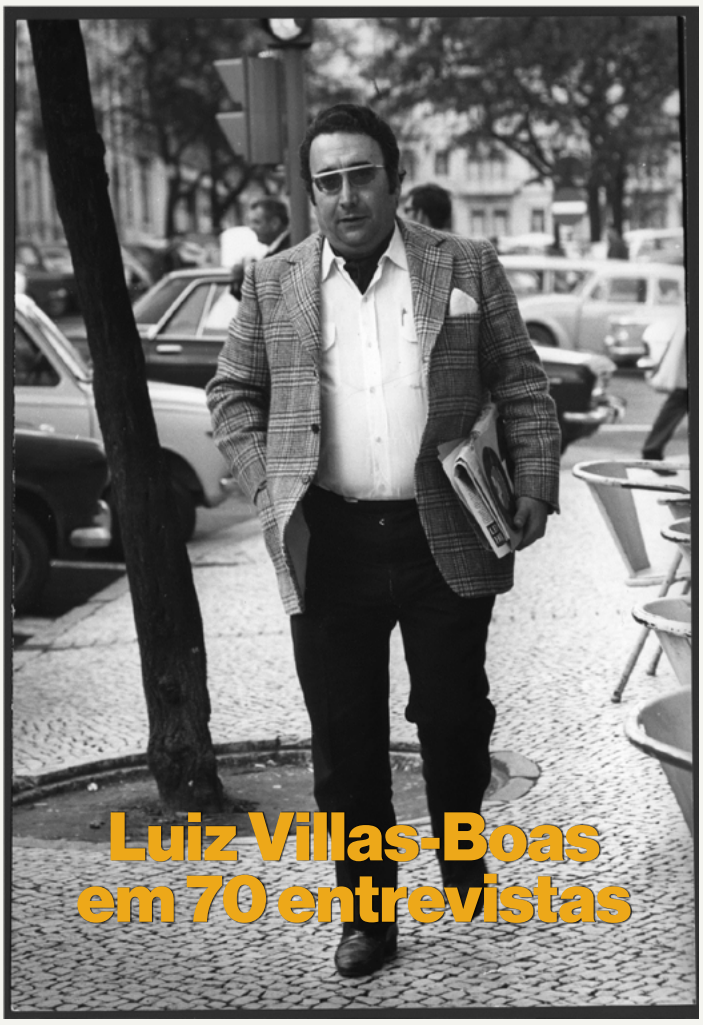
Villas-Boas: um livro com 70 entrevistas

JOÃO MOREIRA DOS SANTOS

Para celebrar o centenário do nascimento desse icónico divulgador, produtor, empreendedor e globe-trotter, cuja reputação ultrapassou largamente as fronteiras nacionais, surge agora o livro Luiz Villas-Boas, o Pai do Jazz em Portugal, obra concebida por João Moreira dos Santos, autor do programa radiofónico diário «Jazz A2» (emitido há 10 anos pela Antena 2) e de 10 livros sobre a história do jazz em Portugal.

Reúnem-se, assim, pela primeira vez, cerca de 70 entrevistas que Villas-Boas concedeu, ao longo de cerca de 50 anos (1948-1994), a diversos órgãos de comunicação social nacionais e estrangeiros, representados por grandes figuras do jornalismo português e dos media, nomeadamente Adília Godinho, António José Teixeira, António Macedo, Armando Marques Ferreira, Carlos Vaz Marques, Fernando Cascais, Fialho Gouveia, João Martins, João David Nunes, José Nuno Martins, Luís Garlito, Manuel Luís Goucha, Pozal Domingues e Teresa Guilherme.

Verdadeira viagem pela história cultural e política do Portugal da segunda metade do século XX, o livro tem o apoio da Égide – Associação Portuguesa das Artes – e do Hot Clube de Portugal. ◆



Um livro de João Moreira dos Santos

A última viagem: um filme

LAURENT FILIPE

Eu tinha 15 anos quando conheci o Luíz Villas Boas e ele me ouviu tocar pela primeira vez.

À sua maneira engraçada e franca o "Villas", como era conhecido, disse-me: "he pá, tu tens jeito mas o jazz é uma música séria e tens que trabalhar muito…pá".

Levei a sério o que disse pois não havia, na altura, maior autoridade que o Villas e apliquei-me.

Dois anos mais tarde, em 1979, com o "Quinto Crescente", grupo que incluía João Paulo esteves da Silva (pno), Luís Caldeira (fl e alto sax), Pedro Wallenstein (baixo) e Zé Martins (bateria), toquei no "Festival Internacional Cascais Jazz", simplesmente um dos melhores e mais importantes festivais de Jazz do mundo…

O público e a crítica elogiaram-nos. A minha decisão estava tomada: iria ser um músico de Jazz.

Devo ao Villas uma longa e boa amizade que se prolongaria por uma vida, na forma interessada e crítica como acompanhava a minha evolução, no nosso convívio e nas várias participações que tive nos Festivais que organizava e no contacto com músicos históricos que ele conhecia melhor que ninguém.

Em 1994, a pretexto de uma participação no Festival de Newport, viajei com o Villas para Nova Iorque, naquela que seria a sua última viagem.

Aos setenta anos o meu amigo estava com um principio de Alzheimer.

Quis revisitar com ele os sítios e registar as memórias de uma cidade que ele tanto amou e onde tantas vezes foi, perseguindo a sua eterna paixão pelo Jazz e pela liberdade.

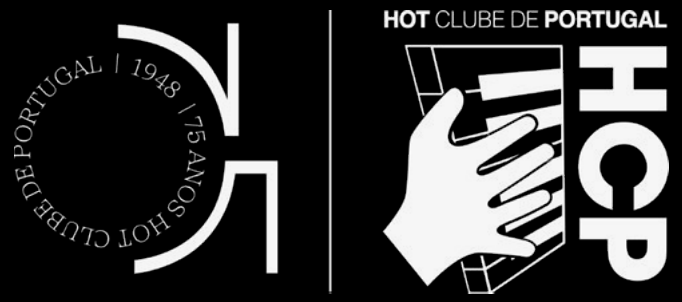
Trinta anos depois, ao assinalarmos 100 anos do seu nascimento, presto aqui a minha homenagem ao amigo e "pai" do Jazz em Portugal: "Luíz Villas Boas. A última viagem".

LVB faleceu a de 1999 vitima da doença de Alzheimer.

À memoria de todos aqueles que a perderam, porque a memoria também é uma forma de liberdade.

Um filme de
Laurent Filipe para a RTP

Estreia prevista Março 2024
Ante-estreia 9 de Fevereiro, CCB, Lisboa


HOT CLUBE DE PORTUGAL
HCP
75
1948 | 75 ANOS HOT CLUBE DE PORTUGAL